ISSN: 2358-8829

O IMPACTO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA SOCIALIZAÇÃO E NO ENGAJAMENTO ACADÊMICO DE ADOLESCENTES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Gabriella Oliveira Dantas [1]
Izayana Pereira Feitosa [2]

INTRODUÇÃO

A adolescência é classicamente compreendida não apenas como um marco de transformações biológicas, mas como um período crítico e complexo de transição psicossocial e desenvolvimento cognitivo (Martorell; Papalia; Feldman, 2020). Segundo Erikson (1976), essa fase é estruturalmente atravessada pela crise de identidade, momento em que o jovem busca consolidar seu papel social, afastando-se das referências exclusivamente parentais para vincular-se e espelhar-se nos seus pares. Essa transição, frequentemente permeada por lutos, contradições e instabilidades, é descrita por Aberastury e Knobel (1981) como a "Síndrome da Adolescência Normal", um processo psíquico necessário onde a socialização externa atua como âncora fundamental para a reestruturação do "eu".

Contemporaneamente, contudo, esse processo de vinculação aos pares e de experimentação identitária foi massivamente transposto para o ambiente virtual. A socialização juvenil hoje extrapola os muros físicos da escola, ocorrendo de forma ininterrupta por meio das telas e plataformas digitais. Investigar como essa hiperconectividade afeta as dinâmicas comportamentais torna-se urgente, visto que escola, enquanto agência socializadora, enfrenta o desafio diário de engajar estudantes cujas interações, modos de atenção e motivações são profundamente atravessados pela lógica instantânea das mídias sociais.

[1] Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, gabriellaodantas@gmail.com;
[2] Professora associada, vinculada à Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, izayana.pereira@professor.ufcg.edu.br

Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar, a partir da literatura acadêmica, a relação entre o uso intensivo de telas e redes sociais e o processos de socialização e engajamento escolar de adolescentes no Ensino Fundamental II e Médio.

Para atingir esse propósito, realizou-se uma revisão de literatura de caráter qualitativo. A estratégia de busca focou em publicações recentes, compreendendo o período de 2022 a 2026, com o intuito de mapear as produções científicas mais atualizadas sobre as intersecções entre tecnologias digitais, comportamento adolescente e processos de ensino-aprendizagem.

As análises dos estudos levantados evidenciam um cenário de duplo impacto. Por um lado, o uso não mediado e excessivo das mídias associa-se a prejuízos no desenvolvimento psicossocial e ao distanciamento das interações físicas. Por outro, quando mobilizadas de forma intencional e pedagógica, as redes digitais revelam-se potentes ferramentas de promoção do engajamento acadêmico, estímulo à criatividade e construção do projeto de vida. Conclui-se, portanto, que a instituição escolar precisa transcender a visão limitante da tecnologia como mero fator de distração, passando a integrá-la criticamente como uma dimensão indissociável da cultura juvenil e uma aliada estratégica para a reinvenção do espaço educativo.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa. A revisão integrativa permite reunir e discutir produções de diferentes naturezas, possibilitando uma compreensão ampliada de determinado fenômeno a partir da literatura disponível (Souza; Silva; Carvalho, 2010). No caso deste trabalho, essa estratégia foi considerada adequada porque o objeto investigado envolve dimensões simultaneamente psicológicas, sociais e educacionais, que não podem ser reduzidas a um único indicador de uso das tecnologias.

A pesquisa foi estruturada a partir da seguinte questão norteadora: como a literatura acadêmica analisa a relação entre o uso intensivo de telas e redes sociais e os processos de socialização e engajamento acadêmico de adolescentes no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio? A formulação da pergunta procurou contemplar tanto possíveis repercussões do uso intensivo quanto as formas pelas quais os recursos digitais podem ser apropriados para finalidades educativas e de participação juvenil.

O levantamento bibliográfico foi realizado no segundo semestre de 2026, utilizando as bases e diretórios Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos da CAPES e Google Acadêmico. A escolha dessas fontes buscou contemplar produções acadêmicas relacionadas à Psicologia, Educação, desenvolvimento humano e tecnologias digitais. A estratégia de busca foi construída a partir da combinação de descritores e termos livres, utilizando operadores booleanos: (Adolescência OR "Ensino Médio" OR Juventude) AND ("Mídias Sociais" OR "Redes Sociais" OR "Tecnologias Digitais" OR Telas) AND (Aprendizagem OR Socialização OR Engajamento).

Foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. Entre os critérios de inclusão estiveram: artigos científicos, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e trabalhos completos publicados em anais de eventos acadêmicos; disponibilidade do texto integral e gratuito; publicações em português, inglês ou espanhol; e trabalhos publicados entre 2022 e 2026. O recorte temporal teve como finalidade privilegiar discussões recentes sobre o ecossistema digital e suas relações com a experiência adolescente.

Como critérios de exclusão, foram retiradas pesquisas cujo público-alvo se concentrasse exclusivamente na primeira infância ou na fase adulta; trabalhos que tratassem da tecnologia apenas sob perspectiva de infraestrutura técnica, sem relação direta com educação ou desenvolvimento psicossocial; e resumos simples, editoriais e conteúdos de blogs ou sites de divulgação não indexados cientificamente. A definição desses critérios procurou preservar a pertinência temática do corpus e evitar que estudos sem relação direta com a questão norteadora interferissem na síntese.

O processo de seleção foi realizado em três etapas. Inicialmente, os títulos e resumos dos trabalhos recuperados foram examinados, buscando identificar aqueles potencialmente relacionados ao problema de pesquisa. Em seguida, os textos pré-selecionados foram lidos integralmente para verificar sua aderência à pergunta norteadora e aos critérios de elegibilidade. Finalmente, oito produções acadêmicas compuseram o corpus analítico da revisão. Os trabalhos selecionados foram organizados segundo os principais temas recorrentes, permitindo a construção de categorias de análise.

A análise do material foi conduzida de maneira qualitativa e interpretativa por meio da técnica de análise de dados para revisões integrativas de Whittemore e Knafl (2005 *apud* Souza; Silva; Carvalho, 2010), estruturando-se nas etapas de redução, visualização, comparação e verificação dos dados.Em vez de produzir uma estimativa

quantitativa do efeito das mídias sociais, buscou-se identificar convergências, tensões e possibilidades presentes na literatura. A síntese foi organizada em seis categorias: a primeira reúne os estudos sobre a reconfiguração dos espaços de socialização; a segunda aborda os impactos psicossociais associados ao uso não mediado; a terceira concentra as discussões sobre as mídias sociais como recursos de engajamento escolar; a quarta discute a construção do projeto de vida e criatividade; a quinta trata da importância da mediação do uso das redes sociais por responsáveis; e a sexta se debruça sobre as implicações dessas discussões na prática escolar.

É importante destacar que a revisão não pretende estabelecer causalidade entre o uso de redes sociais e os fenômenos analisados. Os estudos reunidos possuem diferentes desenhos, objetivos e contextos, de modo que suas conclusões devem ser interpretadas considerando suas especificidades. A opção por uma abordagem qualitativa também implica reconhecer que o significado do uso digital não pode ser determinado exclusivamente pelo número de horas diante das telas. Conteúdo, finalidade, contexto social, características do usuário e mediação são dimensões relevantes para a compreensão do fenômeno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do processo de seleção, foram identificadas oito produções acadêmicas que compõem o corpus analítico desta revisão. A leitura dos trabalhos evidenciou que a literatura não apresenta uma compreensão única acerca da presença das mídias sociais na vida dos adolescentes. Ao contrário, os estudos analisados apontam para uma relação ambivalente: as tecnologias digitais podem ampliar oportunidades de interação, participação, comunicação e aprendizagem, mas seu uso excessivo ou pouco mediado também pode se associar a dificuldades relacionadas à atenção, ao manejo emocional, à rotina e à qualidade das relações presenciais.

Essa ambivalência é importante porque desloca a discussão de uma oposição simples entre tecnologia e desenvolvimento. O problema não parece residir na existência das tecnologias em si, mas na maneira como elas são incorporadas à rotina e nos significados que assumem para os adolescentes, suas famílias e a instituição escolar. A partir dessa perspectiva, a pergunta relevante deixa de ser apenas “quanto tempo o adolescente passa conectado?” e passa a envolver questões como: para que utiliza a

tecnologia, com quem interage, que conteúdos acessa, quais atividades são substituídas por esse uso e que formas de mediação estão disponíveis.

A RECONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO

González e Chiodi (2022) identificam as mídias digitais como agentes relevantes de socialização entre estudantes de escolas públicas em Porto Alegre. O achado permite pensar que o ambiente virtual não constitui um espaço periférico da experiência juvenil. Ele participa da produção de pertencimentos, da circulação de referências culturais e da manutenção de relações. Cortez (2022), em revisão sobre socialização virtual na adolescência, também aponta para a transformação das formas de pertencimento. Em conjunto, essas contribuições sugerem que a experiência de ser adolescente, atualmente, envolve transitar entre diferentes espaços de interação que se sobrepõem.

Entretanto, a visibilidade permanente também modifica as condições dessa experimentação. No ambiente presencial, determinadas experiências podem permanecer restritas a um grupo ou desaparecer com o tempo. Nas redes sociais, conteúdos podem ser registrados, compartilhados e revisitados, fazendo com que determinadas apresentações de si adquiram maior permanência. Além disso, a comparação com pares deixa de depender apenas das pessoas presentes no cotidiano escolar. O adolescente passa a ter acesso contínuo a diferentes referências de aparência, desempenho, consumo, relacionamento e estilo de vida. Essa expansão pode enriquecer o repertório cultural, mas também aumentar a quantidade de referências diante das quais o jovem se posiciona.

USO EXCESSIVO, ATENÇÃO E DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS

Brito, Alencar e Leite (2025) e Lenza et al. (2025) discutem impactos associados ao uso excessivo de telas na infância e adolescência. Entre os aspectos abordados estão questões psicossociais, psicomotoras, emocionais e relacionadas à atenção. Esses achados ajudam a compreender por que a discussão sobre tecnologias digitais ultrapassa o campo da educação formal. A maneira como o adolescente distribui seu tempo entre telas, sono, atividade física, estudo, convivência familiar e relações presenciais pode repercutir na organização geral da rotina.

Também é necessário evitar a interpretação de que qualquer dificuldade acadêmica observada em adolescentes conectados decorre das mídias sociais. Desempenho escolar e engajamento são fenômenos multideterminados. Relações

familiares, condições socioeconômicas, qualidade do ensino, vínculo com professores, experiências de bullying, saúde, sono, expectativas de futuro e características individuais também participam desse processo. Assim, a presença de redes sociais deve ser considerada como uma dimensão do contexto, e não como explicação suficiente para problemas escolares.

AS MÍDIAS SOCIAIS COMO RECURSOS DE ENGAJAMENTO ESCOLAR

A segunda categoria identificada na literatura desloca o foco dos riscos para as possibilidades educativas. Aguiar, Arantes e Silva (2023) identificaram relação positiva entre o uso das redes sociais e o engajamento acadêmico quando as ferramentas digitais estão orientadas para colaboração e pertencimento institucional. Esse resultado é especialmente relevante porque demonstra que o mesmo recurso associado à distração pode assumir função educativa quando inserido em uma proposta pedagógica clara.

Weiler e Martins (2024) discutem estratégias de comunicação por redes sociais voltadas à aproximação entre professores e alunos. A utilização desses canais pode favorecer a circulação de informações, a continuidade de discussões iniciadas em sala e a criação de espaços de participação. Entretanto, integrar redes sociais ao processo educativo não significa simplesmente transferir a aula para uma plataforma digital. É necessário que o uso tenha finalidade definida, respeite limites de exposição e preserve a função pedagógica da atividade.

Essa perspectiva também modifica o papel do estudante. Em vez de permanecer apenas como receptor de informações, o adolescente pode assumir posição ativa na pesquisa, seleção, produção e circulação de conteúdos. Kotz e Formiga-Sobrinho (2023), ao revisarem práticas de promoção da criatividade científica entre estudantes adolescentes, destacam possibilidades de participação que ultrapassam o consumo passivo de informação. A tecnologia, nesse sentido, pode favorecer experiências em que o jovem produza perguntas, formule hipóteses, desenvolva materiais e comunique resultados.

Contudo, a participação digital não é automaticamente crítica. O acesso a grande quantidade de informação não garante capacidade de avaliar fontes, identificar desinformação ou compreender interesses presentes na produção de conteúdos. Por isso, o letramento digital deve incluir não apenas habilidades técnicas, mas também competências de leitura crítica, verificação de informações, compreensão de privacidade,

responsabilidade na comunicação e reconhecimento das consequências da exposição pública. A escola possui papel relevante na formação dessas competências.

PROJETO DE VIDA, CRIATIVIDADE E PARTICIPAÇÃO

Batagin (2026) relaciona interesses, projeto de vida e engajamento escolar entre adolescentes do Ensino Fundamental. A discussão é pertinente porque o engajamento não depende exclusivamente do prazer imediato produzido por uma atividade escolar. Ele também pode estar associado à percepção de que aquilo que se aprende possui relação com objetivos futuros. Quando o adolescente consegue estabelecer vínculos entre conhecimento escolar, interesses pessoais e possibilidades de futuro, a atividade acadêmica pode adquirir maior significado.

As mídias sociais participam desse processo ao oferecer contato com diferentes profissões, trajetórias educacionais, comunidades de interesse e produções culturais. Um adolescente interessado em determinada área pode encontrar profissionais, estudantes e conteúdos que ampliem seu conhecimento sobre esse campo. Ao mesmo tempo, a exposição a trajetórias apresentadas como modelos de sucesso pode simplificar percursos complexos e produzir expectativas pouco realistas. Por isso, a escola pode contribuir para contextualizar essas informações e ajudar o estudante a transformar curiosidade em investigação sistemática.

A escola pode utilizar essa dimensão de maneira pedagógica sem transformar a rede social em espaço de exposição obrigatória. Projetos de carreira, oficinas de pesquisa, produção de conteúdos científicos e debates sobre profissões podem utilizar recursos digitais preservando a autonomia do estudante. O objetivo seria aproximar cultura digital e currículo sem reduzir a educação à lógica das plataformas.

A MEDIAÇÃO COMO EIXO CENTRAL

Os resultados da revisão apontam, portanto, para a centralidade da mediação. A oposição entre proibir e liberar o uso das tecnologias é insuficiente para responder à complexidade do fenômeno. A proibição estrita pode desconsiderar que as mídias digitais fazem parte da cultura juvenil e cumprem funções reais de comunicação e pertencimento. Por outro lado, a ausência de limites pode deixar adolescentes expostos a usos que interferem na rotina, na privacidade, na convivência e na aprendizagem.

A mediação precisa ocorrer em diferentes níveis. No âmbito familiar, pode envolver acompanhamento, diálogo e construção de rotinas equilibradas. No ambiente escolar, pode incluir políticas de uso de dispositivos, educação para cidadania digital, discussão sobre *cyberbullying* e desenvolvimento de competências de avaliação crítica de informações. No plano individual, envolve a construção progressiva de autonomia para reconhecer quando o uso da tecnologia contribui para determinado objetivo e quando começa a interferir em outras atividades.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA ESCOLAR

A partir dos estudos analisados, algumas implicações podem ser discutidas. A primeira diz respeito à necessidade de substituir abordagens exclusivamente proibitivas por estratégias educativas de uso consciente. Isso não significa defender a utilização irrestrita de celulares em sala de aula, mas construir critérios claros para situações em que o dispositivo pode favorecer a aprendizagem e situações em que sua presença prejudica a atividade proposta.

A segunda implicação refere-se à formação docente. Professores precisam de condições para compreender o funcionamento das tecnologias que fazem parte da rotina dos estudantes e para avaliar quando determinado recurso possui pertinência pedagógica. A integração tecnológica exige planejamento e não apenas disponibilidade de equipamentos. É necessário definir objetivos de aprendizagem, orientar fontes, acompanhar a produção dos estudantes e avaliar o resultado.

A terceira diz respeito à convivência presencial. Reconhecer a importância das redes sociais não significa reduzir a relevância dos encontros face a face. Ao contrário, a escola continua sendo espaço privilegiado para experiências coletivas que envolvem negociação, cooperação, resolução de conflitos e convivência com diferenças. A promoção de atividades presenciais qualificadas pode funcionar como contraponto à conectividade permanente e favorecer uma experiência mais equilibrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar, a partir da literatura acadêmica, a relação entre o uso intensivo de tecnologias digitais e os processos de socialização e engajamento acadêmico de adolescentes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. A revisão integrativa realizada evidenciou que a relação entre esses fenômenos é

complexa e não pode ser compreendida a partir de uma oposição simples entre benefícios e prejuízos.

Os trabalhos analisados indicam que as mídias sociais passaram a integrar de maneira significativa os processos de socialização juvenil. Os espaços virtuais participam da construção de pertencimentos, da manutenção de amizades, da experimentação identitária e da circulação de referências culturais. Essa transformação está relacionada às próprias características do desenvolvimento adolescente, período em que os pares e os grupos de pertencimento assumem importância crescente. Assim, compreender a adolescência contemporânea exige considerar a articulação entre experiências presenciais e digitais.

Em contrapartida, a literatura também aponta para questões relacionadas ao uso excessivo e não mediado de telas. Dificuldades no manejo emocional, atenção, sedentarismo e organização da rotina aparecem como dimensões relevantes nos estudos revisados. Esses achados não autorizam uma interpretação causal simplificada, mas reforçam a necessidade de considerar o uso das tecnologias no conjunto das condições de vida do adolescente. Tempo de exposição, conteúdo, finalidade, contexto e mediação devem ser analisados conjuntamente.

A discussão sobre projeto de vida amplia essa compreensão. Conforme discutido a partir de Batagin (2026), interesses e expectativas de futuro possuem relação com o engajamento escolar. Os ambientes digitais podem ampliar o contato dos adolescentes com informações sobre profissões, áreas de interesse e trajetórias diversas. Entretanto, cabe à escola favorecer uma leitura crítica dessas referências, ajudando os estudantes a diferenciar informação, publicidade, opinião e representação idealizada de sucesso.

Dessa forma, a principal implicação da revisão é a necessidade de mediação qualificada. A escola e os profissionais envolvidos com o desenvolvimento adolescente precisam superar tanto uma visão exclusivamente tecnofóbica quanto uma aceitação acrítica das plataformas. O objetivo não deve ser transformar toda atividade escolar em atividade digital, mas reconhecer quando e como as tecnologias podem contribuir para objetivos educativos concretos.

No plano prático, destacam-se ações de letramento digital, educação para cidadania digital, prevenção do *cyberbullying*, formação docente e desenvolvimento de metodologias ativas que utilizem os dispositivos de forma intencional. Também se mostra relevante fortalecer os espaços de convivência presencial, de modo que a experiência

escolar não seja reduzida à transmissão de conteúdo nem à reprodução das dinâmicas das redes sociais.

Por fim, reconhece-se que o fenômeno da hiperconectividade é dinâmico. As plataformas, práticas de uso e formas de interação juvenil continuam se modificando, o que limita a possibilidade de estabelecer conclusões definitivas a partir de um recorte temporal específico. Pesquisas futuras podem ampliar o número de estudos analisados, comparar diferentes contextos socioeconômicos e educacionais, acompanhar adolescentes longitudinalmente e investigar intervenções pedagógicas concretas. Também seria pertinente aprofundar a relação entre uso de tecnologias, qualidade das relações presenciais, projeto de vida e participação escolar.

Em síntese, a literatura revisada aponta que a questão central não é simplesmente a presença ou ausência das mídias sociais na vida adolescente, mas a forma como esses recursos são incorporados às relações, à rotina e à educação. O desafio contemporâneo consiste em transformar a conectividade em objeto de reflexão e aprendizagem, favorecendo autonomia, participação crítica e equilíbrio entre os diferentes espaços que compõem a experiência juvenil.

Palavras-chave: Adolescência, Tecnologias Digitais, Engajamento Escolar, Socialização, Projeto de Vida.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

AGUIAR, Victor Hugo Vasconcelos; ARANTES, Vagner Alves; SILVA, Maria Auxiliadora da. Relação entre uso das redes sociais e engajamento acadêmico. **Revista de Estudos em Organizações e Controladoria (REOC)**, Irati, v. 3, n. 2, p. 126-148, jul./dez. 2023. DOI: https://doi.org/10.5935/2763-9673.20230011.

BATAGIN, Laís Rovina. **Interesses, projeto de vida e engajamento escolar em adolescentes do Ensino Fundamental**. 2026. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências: Área Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2026.

BRITO, Sara Maria do Nascimento; ALENCAR, Lara Beatriz de Sá; LEITE, Cleber Queiroz. Impactos do uso excessivo de telas em crianças e adolescentes: consequências psicossociais e psicomotoras a longo prazo. **Revista Amazônia Science & Health**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 52-65, 2025. DOI: https://doi.org/10.18606/2318-1419/amazonia.sci.health.v13n1p52-65.

CARVALHO, Juliana Castro Benício de; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. Desenvolvimento moral no ensino médio: concepções de professores e autonomia dos alunos. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 65, p. 187-199, abr./jun. 2011.

CORTEZ, Iago Natan G. **O impacto da socialização virtual na adolescência**: uma revisão da literatura. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade São Francisco, Bragança Paulista, 2022.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. Tradução de Francisco de Mello e Souza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GONZÁLEZ, Rodrigo Stumpf; CHIODI, Alexsander Dugno. O impacto das mídias digitais como agentes de socialização dos estudantes de escolas públicas em Porto Alegre. *In*: FÓRUM BRASILEIRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA, 7., 2022, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2022. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/viifbcp/451153-O-IMPACTO-DAS-MIDIAS-DIGITAIS-COMO-AGENTES-DE-SOCIALIZACAO-DOS-ESTUDANTES-DE-ESCOLAS-PUBLICAS-EM-PORTO-ALEGRE. Acesso em: 22 ago. 2026.

HALL, G. Stanley. **Adolescence**: its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education. New York: D. Appleton and Company, 1904. v. 1.

KOTZ, Suellen Cristina Rodrigues; FORMIGA-SOBRINHO, Asdrúbal Borges. Práticas de promoção à criatividade científica entre estudantes adolescentes: uma revisão sistemática. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 29, e49473, 2023. DOI: https://doi.org/10.26512/lc29202349473. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-04312023000100124&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 ago. 2026.

LENZA, Nariman de Felicio Bortucan; BOLINO, Tatiane Silva; SILVA, Maria Clara de Jesus; FIRMINO, Janifer Leticia Silva. Uso de telas por crianças e adolescentes: impacto a curto e longo prazo. **Revista dos Seminários de Iniciação Cientifica**, [S. l.], v. 7, n. 3, 2025. Disponível em: https://revistas.atenas.edu.br/resic/article/view/630. Acesso em: 21 ago. 2026.

MARTORELL, Gabriela; PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: AMGH, 2020.

MARTORELL, Gabriela; PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **O mundo da criança**: da infância à adolescência. 13. ed. Porto Alegre: AMGH, 2020.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner Rocha; HERZBERG, Edelweis. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 2019.

SANTOS, Michelle Steiner dos; XAVIER, Alessandra Silva; NUNES, Ana Ignez Belém Lima. **Psicologia do desenvolvimento**: teorias e temas contemporâneos. Florianópolis: LCR, 2011.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

WEILER, T. K. R.; MARTINS, G. Conectando saberes: estratégias eficientes de engajamento educacional através das redes sociais para alunos e professores. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, p. 1-21, 2024.

XAVIER, Alessandra Silva; NUNES, Ana Ignez Belém Lima. **Psicologia do desenvolvimento**. 4. ed. rev. e ampl. Fortaleza: EdUECE, 2015.